



OS INFILTRADOS E A MORALIDADE PÓS-ONZE DE SETEMBRO*

*Tiago Gomes da Silva***

RESUMO: *Os Infiltrados*, longa-metragem dirigido por Martin Scorsese, foi lançado em 2006, momento em que a administração de George W. Bush e a Guerra ao Terror perdiam cada vez mais apoio e popularidade na sociedade norte-americana. O filme apresentou uma crítica à realidade do país desse período, transferindo para o ambiente em que a história se passa e também para o relacionamento entre as personagens, características do contexto dos Estados Unidos daquela época, trabalhando questões como paranoia, mentira e desconfiança. Buscamos nesse trabalho estudar exatamente essa relação entre o contexto dos Estados Unidos nos primeiros anos do século XXI e a obra cinematográfica de Martin Scorsese.

PALAVRAS-CHAVE: *Os Infiltrados*; Martin Scorsese; Estados Unidos.

THE DEPARTED AND THE MORALITY AFTER SEPTEMBER ELEVEN

ABSTRACT: *The Departed*, movie directed by Martin Scorsese, was released in 2006, during a moment in which the George W. Bush administration and the War on Terror were losing support and popularity within the american society. The movie presented a critique about the reality of the country during that specific moment, transferring to the atmosphere in which the story takes place and also to the relationships of the characters, characteristics of the american context of that particular time, dealing with issues such as paranoia, lies and distrust. This work aims to study the relationship between the context of the United States in the early years of the twenty-first century and the film directed by Martin Scorsese.

KEYWORDS: *The Departed*; Martin Scorsese; United States.

* * *

* O presente artigo apresenta alguns dos resultados da dissertação de mestrado de minha autoria: SILVA, Tiago Gomes da. *Dirigido por Martin Scorsese: um estudo comparativo de Taxi Driver, Os Infiltrados e seus contextos de produção*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Orientação: Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, 2015.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ. E-mail: gomes638@gmail.com.

Introdução

O presente artigo busca realizar um estudo do filme *Os Infiltrados* (*The Departed*, dir. Martin Scorsese, 2006), procurando perceber como o longa-metragem relaciona-se com o contexto dos Estados Unidos após os ataques de onze de setembro de 2001. Analisaremos como, na obra em questão, elementos da realidade norte-americana do período foram incorporados ao ambiente em que a trama ocorre e como influenciaram a construção do relacionamento entre as personagens.

O enredo de *Os Infiltrados* (2006) trata da história de Billy (Leonardo DiCaprio) e Colin Sullivan (Matt Damon), dois policiais em lados opostos no combate ao crime organizado na cidade de Boston. Billy é um agente disfarçado que trabalha na gangue de Frank Costello (Jack Nicholson), chefe da máfia irlandesa, enquanto que Colin atua como um infiltrado na polícia para Costello. Ao mesmo tempo em que Billy começa a conquistar a confiança de Costello, Colin é promovido no Departamento de Polícia, sendo ele próprio encarregado de encontrar o delator dentro da corporação. Ambas as personagens possuem uma vida dupla, correndo sempre o risco de serem descobertos a qualquer instante.

A ameaça deles terem sua verdadeira identidade revelada, e serem presos ou mortos a qualquer momento, contribui para criar um clima de suspense que está sempre presente. A edição e trilha sonora ajudam a estabelecer um ritmo rápido e também tenso. *Os Infiltrados* foi a primeira obra de Scorsese desde *Vivendo no Limite* (*Bringing Out the Dead*, dir. Martin Scorsese, 1999) cuja trama foi contemporânea, os outros longas-metragens do cineasta nesse intervalo retrataram períodos históricos anteriores.

Lançado em 2006, a obra em questão foi a 16ª película mais vista do ano, com um faturamento aproximado de U\$ 126,3 milhões nos Estados Unidos¹. O filme venceu o Oscar nas categorias de melhor filme, melhor roteiro original (William Monahan), melhor edição (Thelma Schoonmaker) e também garantiu o prêmio de melhor diretor a Martin Scorsese pela primeira vez em sua carreira.

Trabalhar como fontes cinematográficas apresenta desafios e possibilidades ao historiador. Embora o debate dentro do campo da história e cinema seja muito amplo e vá além dos objetivos

¹ MPAA, U.S Entertainment Industry: 2006 MPA Market Statistics, p. 11.

desse artigo², uma questão importante de se destacar sobre a análise fílmica diz respeito a sua capacidade de contextualização, principalmente referente ao contexto da sociedade em que foi produzida essa obra, como destaca o historiador José D'Assunção Barros:

Vale dizer, o cinema é “produto da história” – e, como todo produto, um excelente meio para observação do “lugar que o produz”, isto é, a Sociedade que o contextualiza, que define a sua própria linguagem possível, que estabelece os seus fazeres, que institui as suas temáticas. Por isto, qualquer que seja a obra cinematográfica – seja um documentário ou uma pura ficção- é sempre portadora de retratos, de marcas e de indícios significativos da Sociedade que a produziu³.

O filme analisado foi lançado durante o segundo mandato da presidência de George W. Bush (2001-2008)⁴. Os anos da administração Bush foram fortemente marcados pelos ataques de Onze de Setembro e a Guerra ao Terror⁵. Após os atentados de 2001, o governo Bush iniciou uma nova fase da luta contra o terrorismo. Meses depois dos ataques a Nova York e Washington, uma coligação de aliados, liderados pelos Estados Unidos, invadiu o Afeganistão com o objetivo de capturar os responsáveis pelos sequestros dos aviões que atingiram as Torres Gêmeas e o Pentágono⁶. Durante os anos seguintes, medidas controversas foram tomadas em nome da luta contra a ameaça terrorista, ações essas que diziam respeito tanto à atuação do país no cenário geopolítico internacional⁷, como também a forma como o governo e as agências de segurança poderiam atuar dentro do país.

Em 2003, sob o pretexto que o governo de Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa, os Estados Unidos invadiram o Iraque iniciando uma guerra que duraria ainda anos, mesmo após o presidente George W. Bush decretar “missão cumprida”.

² Sobre as possibilidades de estudos e os debates dentro do campo da história e cinema, conferir: SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Cinema e historiografia: trajetória de um objeto historiográfico (1971-2010). *História da Historiografia*, v. 8, p. 151-177, 2012; VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.), *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro, Elsevier: 2012, p. 283-300.

³ BARROS, José D'Assunção. Cinema e história: entre expressões e representações. In: *Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema*. NÓVOA, Jorge & BARROS, José D'Assunção. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p.52-53.

⁴ Sobre os anos da presidência de George W. Bush, cf.: ZELIZER, Julian E. (ed.). *The Presidency of George W. Bush: A First Historical Assessment*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2010.

⁵ Sobre o contexto dos Estados Unidos após os ataques terroristas de onze de setembro de 2001, conferir: RESENDE, Erica Simone A. *Americanidade, Puritanismo e Política Externa. A (re)produção da ideologia puritana e construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

⁶ Não buscamos afirmar que as guerras do Afeganistão e do Iraque foram resultado exclusivamente dos atentados de 2001 e as ameaças à segurança nacional. Os motivos desses conflitos, assim como a atuação dos Estados Unidos no Oriente Médio, possuem implicações maiores, inclusive, os próprios interesses norte-americanos na região. Cf. LAFEBER, Walter. *America, Russia, and the Cold War, 1945-2002*. New York: Mc Graw Hill, 2004.

⁷ Cf.: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos- Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Em 2006, ano de lançamento de *Os Infiltrados*, a administração Bush enfrentava uma série de dificuldades. As guerras no Afeganistão e no Iraque continuavam com um grande custo financeiro e com um aumento no número de soldados norte-americanos mortos nesses conflitos. Somado a isso, foram reveladas imagens de cenas de tortura em prisões da CIA espalhadas pelo Oriente Médio e vieram a público as violências praticadas por agentes do governo norte-americano em prisões como Abu Ghraib e Guantánamo.

Outro motivo de críticas ao presidente Bush e sua administração foi a corrupção. A Guerra ao Terror, como dito anteriormente, serviu também aos interesses econômicos, principalmente, das indústrias de energia e bélica. As guerras do Afeganistão e do Iraque foram importantes não só para garantir o acesso a matrizes energéticas, como também pelos contratos de segurança para o uso de mercenários e material bélico de companhias privadas⁸.

Nesse sentido, diversas questões como paranoia, mentira, violência e outras eram temas que faziam parte da realidade da sociedade norte-americana do período e que foram desenvolvidas na trama de *Os Infiltrados*, principalmente, na forma como o enredo se desenvolve e o relacionamento entre as personagens.

Os Infiltrados: trama e personagens

Os Infiltrados inicia-se com imagens de protestos e confrontos da população de Boston com as forças policiais nos anos 1980. Concomitantemente, a voz de Costello começa uma narração: “Eu não quero ser um produto do meu ambiente. Eu quero que o meu ambiente seja um produto de mim”⁹. Logo nas primeiras cenas do filme, estabelece-se que Costello é quem comanda não só a região de Boston, onde se passa a trama, mas também que ele é responsável pelas vidas de outras personagens ao seu redor, principalmente, de Billy e Colin, pois ambos os policiais têm seus futuros definidos pelo contato com a personagem de Jack Nicholson.

⁸ BRIGHTMAN, Carol. *Insegurança total: o mito da onipotência americana*. Tradução: Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2006.

⁹ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:00min:40seg.

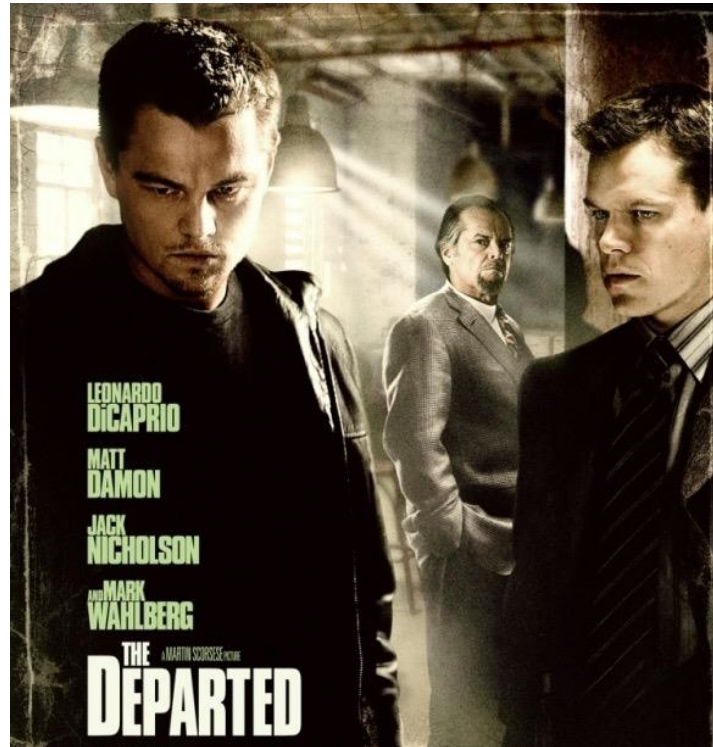


Fig. 1
Cartaz de *Os Infiltrados*.

Costello é uma personagem central na história, como podemos ver no cartaz do filme acima. Ele aparece no meio da imagem, observando Matt Damon e Leonardo DiCaprio. Poderoso, violento e psicótico, é o principal nome do crime organizado de Boston. A personagem de Jack Nicholson constantemente demonstra racismo e estereótipos de uma forma tão natural que beira o cômico, sua descrença em relação à Igreja e aos seus valores também é repetidamente apresentada. Logo em uma das primeiras cenas do filme, diz: “Anos atrás nós tínhamos a Igreja. Isso era só uma forma de dizer que tínhamos uns aos outros. Os Cavaleiros de Colombo eram italianos violentos. Eles tomaram o seu pedaço da cidade. Depois de vinte anos de um irlandês não conseguir um emprego, nós tínhamos a presidência. Que ele descanse em paz. É isso que os negros não percebem. Se eu tenho algo contra os negros é isso. Ninguém te dá nada. É preciso tomar”¹⁰.

As primeiras cenas do filme, quando ele se encontra com Colin ainda criança, passam-se nos anos 1980. Em suas falas, Costello exhibe muito da ideia do *self-made man*, de um homem que faz o seu

¹⁰ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:00min:50seg.

destino. Como o criminoso afirma: “ninguém te dá nada. É preciso tomar”. Pode ser percebido claramente, desde o início do longa-metragem, que Costello acredita que o ambiente não define a vida de uma pessoa, e, sim, o próprio indivíduo. As cenas iniciais, não por coincidência, são ambientadas nos anos de presidência de Ronald Reagan¹¹.

Depois de conhecer Colin em uma mercearia onde foi para receber seu pagamento, Costello convida o garoto para ir trabalhar com ele. Logo em seguida, em uma garagem, Frank expõe para Colin e outros rapazes seus pontos de vista sobre o que alguém pode ser na vida: “A Igreja quer você no seu lugar. Ajoelhe, levante, ajoelhe, levante (...) Um homem traça o seu próprio caminho. Ninguém lhe dá um caminho. Você tem de tomá-lo. *Non serviam* (...) Quando decide ser alguém, você consegue. Isso não dizem na Igreja. Na sua idade, diziam que podíamos ser policiais ou criminosos. Hoje eu lhe digo o seguinte. Com uma arma apontada para você, qual a diferença?”¹².

Costello defende a ideia do individualismo e que o homem faz o próprio destino, sendo seu futuro definido por ele mesmo e mais ninguém. De acordo com a personagem de Jack Nicholson, não há nada que seja capaz de evitar alguém de ser o que quiser. No entanto, a fala dele não somente serve para ensinar o jovem Colin que não há nada que o possa impedir de alcançar seus objetivos, como também que não há nada que o deva parar. Ou seja, a lei e a moral são obstáculos que podem e devem ser superados, a sobrevivência possui prioridade sobre os valores morais.

Colin Sullivan alcança uma ascensão social e profissional impressionante. De um jovem de um bairro pobre, ele, com o constante auxílio de Costello, torna-se um detetive da polícia do estado de Massachusetts. Ele consegue comprar um bom apartamento e tem um excelente trabalho em uma unidade de elite da corporação. No entanto, para alcançar esses objetivos, Colin descumpra a lei a todo o momento, para ser o homem que ele deseja ser, precisa ter uma vida de mentiras e constantemente se reportando a Costello.

Um ponto relevante sobre Costello, antes de começarmos a trabalhar com as personagens de Colin e Billy, é que essa liberdade e individualismo defendidos por ele são em relação às leis e às instituições que afirmam o contrário do que o criminoso defende, mas não em relação a ele. Colin

¹¹ Presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1981 e 1989, Ronald Reagan foi um defensor da desregulamentação do Estado, diminuindo seu papel na sociedade norte-americana, favorecendo, assim, as iniciativas por parte do indivíduo. O político foi um dos principais expoentes da direita nos Estados Unidos no final do século XX. Cf.: WILENTZ, Sean. *The Age of Reagan: a history, 1974-2008*. New York: Harper Collins, 2008.

¹² *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:04min.

pode se tornar o homem que quiser, no entanto, sempre terá que obedecê-lo. As pessoas são livres para prosperar, mas, como ele afirma logo no início do filme, o ambiente é um produto dele, não do individualismo de cada um, exclusivamente dele. As regras podem ser desobedecidas quando não são as dele, e a única moralidade que existe é a estabelecida por ele.

Podemos perceber um exemplo de como esse ponto aparece ao longo do filme, analisando uma cena específica e representativa dessa questão. Billy, já trabalhando para Costello, acompanha seu braço direito Mr. French (Ray Winstone) enquanto ele surra um dos subordinados de Costello que está com os pagamentos atrasados.

Mr. French: Cadê a licença?

Bookie: Que licença?

Mr. French: É claro que não há algo como uma licença. Mas você precisa de uma licença. Se você não está sendo administrado por nós, você está sendo administrado por outra pessoa. O que quer dizer que você está trazendo gente indesejada para a área do Sr. Costello.

(...)

Bookie: Não há lucro, pago US\$ 2 mil por semana.

Mr. French: Então ganhe mais dinheiro. É a América. Se não ganha dinheiro você é um otário. O que você vai fazer?

Bookie: Ganhar mais dinheiro.

Mr. French: Esse é o espírito.¹³

Mr. French agride o homem por conta de uma licença que não existe, mas que significa que ele não está pagando o que deve para Costello enquanto paga para outro. Além de fazer dívidas, ele deixa outras pessoas trabalharem no território que é controlado por Costello. O ponto interessante da cena é como o espírito empreendedor e de “correr atrás” das oportunidades da América é, de certa forma, desconstruído.

A personagem é livre para fazer o que quiser, ela está nos Estados Unidos, a “terra das oportunidades” onde não há nada que possa impedir um homem de lucrar a não ser sua própria vontade, se ele não está ganhando o que deseja é porque ele não está esforçando-se o suficiente. No entanto, o lucro oriundo do esforço não é necessário para crescer e ascender na vida, mas, sim, para cobrir seus pagamentos com Costello. Um homem pode fazer seu próprio destino, não tem que obedecer a lei e ter licença, ele está nos Estados Unidos e “esse é o espírito”, lucrar mais. Entretanto,

¹³ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:40min.

ele deve pagar pela “administração” de Costello. Ao mesmo tempo em que o homem é livre para ganhar muito dinheiro, ele está preso às suas obrigações com a personagem de Jack Nicholson.

A influência de Frank Costello vai além do poder que ele consegue manter através da violência, uma vez que ele se torna uma figura de referência tanto para Colin como para Billy. Na verdade, os dois policiais se parecem muito e isso pode ser percebido na maneira como Costello trata os dois. No início do filme, Frank encontra com Colin ainda criança e conversa com ele:

Frank: É o filho de Johnny Sullivan?
Colin concorda com a cabeça.
Frank: Mora com a sua avó?
Colin: Moro.
(...)
Frank: Vai bem na escola?
Colin: Sim.
Frank: Isso é bom. Eu também fui. Eles chamam isso de paradoxo.¹⁴

Mais à frente no filme, logo após Billy começar a trabalhar para Costello, eles têm um diálogo similar.

Frank: Você sabe, se o seu pai estivesse vivo e visse você aqui conversando comigo, vamos dizer que ele viria trocar umas palavras comigo sobre isso, na verdade, ele mataria sete caras só para cortar a minha garganta. E ele conseguiria, isso talvez seja algo que você não saiba sobre William Costigan.
Billy: Ele nunca, nunca?
Costello: Ele tinha princípios. Nunca quis dinheiro. Você não pode fazer nada com um homem desses. Seu tio Jack, ele também mataria metade da minha família se visse eu aqui com você. E eu penso nisso.
Billy: Então, sobre o que estamos falando?
Costello: Você já pensou em voltar para a escola?
Billy: Com todo o respeito, Sr. Costello. A escola não é uma opção.
Costello (irritado): Esse é o seu problema. Talvez um dia você acorde.¹⁵

Em ambos os diálogos, Frank faz referência à família e à escola. Ele mostra-se irritado com Billy quando ele nega a opção sem ao menos considerar.

¹⁴ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:02min

¹⁵ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:45min.



Fig. 2
Colin (Matt Damon) e Billy (Leonardo DiCaprio) na Academia da Polícia.

As histórias de Billy e Colin se desenvolvem de forma paralela ao avançar da trama. As cenas alternam entre cada uma das personagens. Apesar das diferenças entre eles, os dois policiais possuem muitas semelhanças, desde a influência de Costello sobre ambos, mas também a forma como eles são reféns do conflito entre gangues e polícia sem ao menos terem a dimensão do que isso significa realmente. Os dois são soldados em uma guerra na qual eles não possuem a verdadeira compreensão da realidade e das mentiras que os cercam.

Um ponto interessante da obra estudada é que, embora seja um enredo de policiais, o filme não se trata de uma história usual de detetive e bandido, do bem contra o mal. Em diversos momentos, Colin desfruta de uma boa vida, enquanto que Billy vive à beira de ataques de pânico. A moral do filme é invertida, nem Billy se assemelha a um herói, nem Colin a um criminoso. Na verdade, os dois possuem um pouco de cada um desses perfis, sendo difícil definir a diferença entre os dois lados da lei em muitos casos.

Colin Sullivan, apesar de ser um infiltrado de Costello, é aquele que ao longo do filme consegue alcançar maior sucesso. No início do longa-metragem, ele é um garoto começando a trabalhar para Costello. Quando cresce, se torna um agente da polícia de Massachusetts. Em uma cena, ele está em um parque com o seu colega, o também policial Barrigan. Colin observa o teto da *Massachusetts State House*, sede do governo local. Barrigan percebe os olhares do colega e fala, “O que você está olhando? Esqueça isso. Seu pai era um zelador, e seu filho somente um policial”¹⁶. No entanto, Colin cresce na vida e se torna mais que somente um policial.

¹⁶ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:06min.

A personagem de Matt Damon, com a ajuda de Costello, ascende socialmente e na sua profissão. Ele é aprovado na prova de detetive e começa a fazer parte de uma equipe de elite da polícia responsável por desarticular o crime organizado em Boston. O principal alvo do grupo é exatamente Costello. Colin também compra um bonito, grande e novo apartamento com vista para a *Massachusetts State House*.

Assim que se forma na Academia de Polícia, Colin é parabenizado por Costello, que o ajuda em sua carreira passando informações que o auxiliam a fazer prisões que ele não conseguiria sozinho e que impressiona os seus superiores. Quando se torna detetive, ele é recebido pelo Capitão Queenan (Martin Sheen) e pelo Sargento Dignam (Mark Wahlberg). Apesar de ganhar as ofensas usuais de Dignam, ele é elogiado por Queenan. No instante que ele sai da sala, Billy aguarda para ser recebido.

A história de Billy é bem diferente de Colin. Ele é filho de um casal divorciado, ambos falecidos. Sua mãe, com quem ele morava enquanto era jovem, vivia em um bairro rico, o que lhe possibilitou ter uma infância luxuosa. Seu pai, ao contrário, morava em uma região pobre onde Costello controlava o território. A personagem de Leonardo DiCaprio precisava viver entre essas duas realidades, tendo que se adaptar a ambas.

Logo no início do filme, assim como Colin, Billy decide entrar na polícia, apesar de os protestos de membros da família da sua mãe que acham que a profissão não é para ele. Com o falecimento da mãe, a personagem rompe com o mundo em que foi criado e com a sua família por parte materna. Decide seguir carreira na corporação, no entanto, antes de iniciar o seu trabalho, ele é convocado por Queenan e Dignam.

Enquanto que Colin é bem recebido por Queenan e assume seu posto em uma unidade de elite, Billy é atacado por Dignam e tem seus planos na polícia desconstruídos.

Dignam: Aposto que teve uma vida dupla. Uma com a sua mãe e outra com seu pai. Vida rica durante a semana com a sua mãe e, no fim de semana, a zona pobre do sul com o pai, burro de carga. Acertei? Tinha sotaques diferentes? Tinha, não é seu trapaceiro? Você era duas pessoas diferentes.

Billy: Você é um psiquiatra?

Dignam: Se eu fosse eu perguntaria por que você se tornou um policial estadual ganhando trinta mil por ano. E mesmo se eu fosse a porcaria do próprio Sigmund Freud eu não conseguiria uma resposta. Então me fale uma coisa, o que um riquinho como você faz na polícia?

Billy: Famílias estão sempre subindo e caindo na América, não é?

Queenan: Quem disse isso?

Billy: Hawthorne.

(...)

Billy: Senhor, com todo o respeito. O que você quer de mim?

Dignam: (...) Eu vou te ajudar a entender algo. Você não é a porcaria de um policial.
Queenan: Ele está certo. Nós lidamos com ilusão aqui. Mas nós não nos auto-iludimos. Em cinco anos, você pode ser qualquer coisa no mundo. Mas você não será um policial de Massachusetts.¹⁷

Os detetives questionam as origens de Billy. Sobre sua família por parte de pai, ele é indagado da relação dela com o crime local, enquanto que o lado materno é destacado como argumento para mostrar que ele não havia nascido para ser policial. Queenan e Dignam convencem Billy a trabalhar como infiltrado para eles. Através do seu primo por parte de pai, ele começa a traficar no antigo bairro até chamar a atenção de Costello e passar a trabalhar para ele.

De imediato se estabelece um contraste entre os dois policiais. Enquanto Colin cresce na vida com o emprego e uma namorada, Billy convive diariamente com medo e violência enquanto trabalha para Costello, ajudando Mr. French em suas coletas de pagamento e acertos de contas. A edição do filme ajuda a construir o contraste entre ambas as personagens, Billy que está servindo à polícia, sofre constantemente, e Colin, ligado ao crime organizado, ascende. Isso pode ser visto com muita clareza em uma montagem no início do filme: enquanto Colin desfruta o luxo de seu novo apartamento, Billy está preso para construir seu disfarce e tentar enganar Costello.

Outra questão importante presente no filme consiste no fato de tanto a polícia como Costello possuem uma equipe de trabalho hierarquizada e, principalmente, os líderes de cada um desses lados contam um homem de confiança, havendo uma clara semelhança entre a forma como dos dois lados da lei operam.

Queenan, capitão da polícia, conta com a ajuda do sargento Dignam. Somente os dois sabem a verdadeira identidade de Billy como infiltrado, eles que sabem que ele não é um criminoso, mas, sim, um agente da lei. O Capitão Queenan também estabelece uma relação próxima com Billy. Ao solicitar que a personagem de Leonardo DiCaprio se torne um infiltrado, ele pede que Billy faça aquilo por ele. Costello também trabalha como seu braço direito, Mr. French, igualmente violento e o único que aparece possuir uma relação de amizade e confiança com a personagem de Jack Nicholson.

¹⁷ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:13min.



Fig. 3

Costello e Queenan com seus homens de confiança.

Billy e Colin se assemelham em muitos pontos. Ambos trabalham na Polícia Estadual, buscam ascender dentro da corporação, têm um relacionamento com uma mesma mulher (Madolyn, personagem de Vera Farmiga), são infiltrados e possuem uma figura paterna – Queenan e Costello, respectivamente.

O principal elemento em comum entre Billy e Colin é a maneira como a vida dupla que levam aos poucos vai consumindo os dois homens ao ponto de eles não conseguirem conviver não só com o risco de serem descobertos e punidos, mas com o peso das próprias mentiras.

Billy não só vive a ameaça de trabalhar com um “assassino em massa”, como ele define Mr. French, mas o medo de ser descoberto a qualquer momento e também de não ser levado a sério por Queenan e Dignam. Billy reclama com seus superiores que já forneceu material mais que suficiente para a prisão de Costello e sua gangue, que ele pode ser assassinado a qualquer instante e que seus superiores pouco se importam com o futuro dele. Apesar de toda a simpatia de Queenan por Billy, o capitão faz o policial continuar infiltrado argumentando que casos como esses demoram para serem bem fundamentados.

Além do medo, Billy tem que conviver com a recente perda da mãe e seu isolamento. Não há ninguém em quem ele possa confiar, a não ser a sua psicóloga, com quem ele tem um caso, Madolyn,

namorada de Colin. As duas personagens, em suas conversas, tratam de uma questão central na vida de Billy e da trama do filme, a mentira.

Billy: Você mente?
Madolyn: Por quê? Você mente?
Billy: Não, eu estou perguntando se você mente.
Madolyn: Honestidade não é sinônimo de verdade.
Billy: É, você mente. Você mente. É para fazer algum bem, levar vantagem ou só pelo prazer?
Madolyn: Imagino que algumas pessoas mintam para manter certo equilíbrio.
(...)
Madolyn: O que você quer?
Billy: Quer a verdade? Vallium.
Madolyn: Se você mentisse, você conseguiria o que quer mais facilmente.
Billy: O que isso diz sobre o que você faz para viver?
Madolyn: Eu acho que deveríamos ter mais algumas sessões antes de começarmos a discutir remédios para você.
Billy: Olhe, eu estou tendo ataques de pânico. Outra noite pensei que fosse ter um infarto. Eu vomitei em uma lixeira a caminho daqui. Não durmo há semanas.
Madolyn: Isso é verdade?
Billy: Sim! Eu disse a verdade. Eu quero alguns remédios e você faz o quê (...) Eu achei que eu devia dizer a verdade aqui, ao menos aqui.¹⁸

Billy vive com a ameaça de ter sua identidade verdadeira revelada e ser morto. Com o tempo, ele percebe que a missão para a qual foi recrutado é uma mentira. Não só seus superiores aparentam estar mais preocupados com o caso do que com sua vida, mas o próprio FBI protegia Costello. A personagem de Jack Nicholson era um informante para a agência, dessa maneira, assegurava que as investigações contra ele não fossem adiante e pudesse continuar comandando o crime organizado.

Ao final do filme, a única pessoa em que Billy confia é Madolyn. No entanto, a psicóloga, de certa forma, também mentia. Ela tem um caso com Billy e não conta para Colin, seu namorado. Em diferentes momentos do filme, ela admite ser uma mentirosa. Não há personagem no filme, seja na polícia ou no crime organizado, que não minta. Na trama do longa-metragem, faltar com a verdade não parece ser só uma opção, mas, sim, a condição para conseguir sobreviver, um comportamento imposto pelo ambiente em que vivem.

Colin tem de lidar também com essa vida de mentiras. É escolhido como o responsável para encontrar o infiltrado na sua própria unidade. No entanto, usa de suas prerrogativas para espionar os membros de seu departamento para encontrar o infiltrado na gangue de Costello. Manda seguir o Capitão Queenan quando ele tem um encontro com Billy e avisa Costello. Em decorrência da ação de

¹⁸ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:51min.

Colin, Queenan acaba sendo assassinado. Quando confrontado por Dignam, ele responde que ele “não tem que explicar nada a ninguém. Eu (Colin) posso investigar quem eu quiser”¹⁹.

Costello, quando indagado por Colin da razão dele ter ordenado a morte do capitão da polícia, responde: “Um de nós tinha que morrer. Comigo tende a ser o outro cara”²⁰. Colin encontra nos pertences do capitão recém-falecido sua agenda de anotações em que há uma nota dizendo que Costello era um informante do FBI junto com fotos que provam o fato. Nesse momento, ele descobre que havia sido enganado pelo criminoso e que podia ser denunciado a qualquer momento caso ele necessite evitar ser preso.

Colin também vive outro tipo de mentira, a de que ele tem alguma alternativa, que ele pode não ser um infiltrado e, sim, alguém honesto. A personagem tenta se convencer de que pode controlar Costello, que não é apenas um empregado do criminoso. Em uma conversa em um cinema, Colin procura persuadir Costello a ir mais devagar e não chamar tanta atenção para seus negócios, mas seus conselhos são recusados pelo criminoso e o policial é ameaçado por Costello.

Costello: Mas Colin, eu espero que eu não tenha que te lembrar: se você não encontrar esse rato no seu departamento, para que nós possamos dar um olá para ele, provavelmente não serei eu quem vai pagar por isso.

Colin: Por que você precisaria me lembrar disso? Se eu não soubesse disso, eu não seria bom no que eu faço. Confie em mim, eu sei como fazer isso. Envolve mentir, eu sou muito bom nisso, não é?²¹

O policial tenta acreditar que pode controlar Costello, que até tem a opção de sair da polícia. Em uma conversa com a sua namorada, cogita largar a corporação para poder se dedicar à faculdade de Direito e começar uma vida nova em outra cidade. No final do filme, Colin trai Costello e o mata com medo de ser denunciado para o FBI, no entanto, a personagem de Jack Nicholson já havia entregado ao seu advogado provas de seu envolvimento com Colin, evidências essas que Costello ironicamente confiou a Billy.

Ao final da história, após a morte de Costello, Billy descobre que Colin é o informante dentro da polícia. Logo em seguida, Colin e Billy se encontram pela primeira vez no mesmo lugar em que

¹⁹ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 1h:49min.

²⁰ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 1h:52min.

²¹ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:56min.

Queenan foi morto. Billy tenta prender Colin, mas é assassinado por Barrigan, antigo colega da polícia de Colin e também um infiltrado de Costello. Após ser salvo por seu colega, Colin mata Barrigan para eliminar de uma vez por todas as provas de seu passado com o criminoso.

Martin Scorsese: Essa é a natureza do mundo em que eles estão. O que eu adorava no personagem de Matt é que ele tentava fingir que estava num mundo diferente, um apartamento que tem um nível um pouco mais alto e ele compra croissants, e morre. Por isso é que eu adoro o que Bill Monahan fez com o roteiro final, quando Mark Wahlberg está lá com uma arma apontada para Matt Damon e Matt olha para ele e diz “Ok”. E leva um tiro. Ok, ele diz, eu estou tão cansado. Cheguei até aqui. Agora simplesmente me tire da jogada. Não quero mais isto aqui. Nunca quis. Só acabe comigo. Ele até tenta fingir o contrário. Na cena do cinema, ele tenta dizer. “Frank, o que está fazendo? Está maluco?”. E está realmente tentando falar com ele, tentando adquirir a aparência de um cidadão responsável, “É, eu trabalho para você. Mas ainda sou um policial e ainda tenho algum poder.”²²

Na cena final, embora Colin parecesse ter conseguido mentir para fugir de todos os seus crimes, ele é assassinado pelo capitão Dignam em sua própria casa. Após todos os delitos cometidos pela personagem de Matt Damon, ele não é preso ou condenado por forças da lei, ele é assassinado por um policial agindo fora da legalidade. O filme se encerra com uma imagem da varanda do apartamento de Colin para a sede do governo, no parapeito da varanda, um rato²³ cruza a linha do horizonte.



Fig. 4

Cena final de *Os Infiltrados*. Um rato cruza o horizonte da vista do apartamento de Colin (2h:24min).

²² SCHICKEL, Richard. *Conversas com Scorsese*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.350.

²³ A expressão “rato” é usado constantemente ao longo do filme para referir-se a alguém infiltrado tanto na gangue de Costello, como também na polícia.

O marco zero moral

Apesar da história do filme ser ambientada no início dos anos 2000, as alusões ao contexto do pós-Onze de Setembro ao longo da trama são poucas. Em uma cena, enquanto que a equipe da polícia monta todos os aparelhos de escuta e câmaras de vigilância para prender Costello em uma operação conjunta com o FBI, o Capitão Ellerby (Alec Baldwin) comemora os equipamentos conseguidos, dizendo: “Ato Patriota, Ato Patriota. Eu adoro, eu adoro”.²⁴

Como então podemos relacionar o longa-metragem com o contexto do pós-Onze de Setembro? Para isso, devemos considerar o que o cineasta Martin Scorsese denominou como o marco zero moral.

Esse é um termo utilizado por Scorsese em entrevistas para articular o contexto dos Estados Unidos pós-Onze de Setembro à trama de seu filme. O marco zero moral não é só uma referência ao local das Torres Gêmeas em Nova York, mas uma espécie de estado da sociedade norte-americana em que a própria moral não existe, um lugar em que ela foi destruída e ainda não reconstruída.

Gerri Hirshey: Quando você vê a situação atual, com o Bush no Iraque, o que você pensa?
Martin Scorsese: É uma outra abordagem agora. Quando a situação vietnamita começou, no início dos anos 60, houve resistência a ela de imediato, houve questionamento. Agora, não. O homem foi eleito pela segunda vez. A coisa vai além da sátira. Outro dia estava passando o filme *Bananas*, do Woody Allen. E a mulher que interpreta a Miss Estados Unidos diz: "Sou contra o sr. Mellish [personagem de Allen], porque ele discordou do presidente, e é aceitável discordar nos Estados Unidos, mas se você discorda demais, não é bom para o país". Isso numa comédia de 1971. Hoje, os congressistas falam isso sério. É obsceno.

G.H: Como você reage a essa obscenidade?

M.S: Veja em *Os Infiltrados*, essa é minha reação. O personagem Billy, Leo DiCaprio, toma os remédios da mãe e bebe o tempo todo, está numa situação horrível, se disfarçando de gângster. Ele é um condenado desde o princípio, aceita essa situação impossível, como se fosse um garoto se alistando no exército e indo pra guerra, e, duas semanas mais tarde, levando um tiro. "O que eu fiz? Como eu saio dessa?" Não sai. Nem se trata de uma guerra declarada, é uma guerra eterna, o bem e o mal. Em termos de sociedade, você tem a polícia, os gângsteres, os juizes — corruptos, todos corruptos. O fim de *Os Infiltrados* é um "marco zero" moral. É como a devastação do 11 de setembro: alguma coisa foi completamente eliminada, e a única coisa que podemos fazer é erguer tudo de novo, com uma nova geração.

G.H: Você vê alguma figura em quem podemos confiar para nos tirar desta sensação de desconsolo?

M. S: É difícil acreditar em uma pessoa. Tanta coisa é escondida da gente, o que acontece em Bagdá, em Basra. Os políticos sempre têm medo de dizer as coisas, o jeito que a mídia está.

²⁴ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 1h:02min.

Imagine se os presidentes anteriores que consideramos ótimos fossem examinados desse jeito. Não sobraria ninguém²⁵.

Em *Os Infiltrados*, a trama da história está diretamente relacionada à realidade norte-americana após os atentados terroristas de 2001. No filme de Scorsese, o ambiente em que as personagens vivem é construído a partir dos caminhos seguidos pelos Estados Unidos após 2001, a invasão do Afeganistão, o Ato Patriota, a Guerra do Iraque, entre outras questões. O longa-metragem apresenta um forte tom de crítica às ações tomadas pelo governo federal em sua luta contra o terrorismo, marcada pelas mentiras, ausência de uma moral e a dificuldade de uma distinção entre o certo, o errado, o bem e o mal.

Nesse sentido, é importante destacar que na época de lançamento do filme de Scorsese, outras obras também apresentavam essa abordagem crítica à realidade do país no período. A partir de 2006, momento em que a popularidade do presidente Bush começa a cair fortemente, outros longas-metragens foram realizados tratando do contexto dos Estados Unidos, obras que discutiam, a partir de um tom contestador, temas como os pretextos para a Guerra no Iraque e os dilemas envolvidos no conflito, retratados em *Jogo de Poder* (*Fair Game*, dir. Doug Liman, 2010), *Zona Verde* (*Green Zone*, dir. Paul Greengrass, 2010) e *Guerra ao Terror* (*The Hurt Locker*, dir. Kathryn Bigelow, 2008), a própria figura do presidente George W. Bush em *W.* (dir. Oliver Stone, 2008), a corrupção de corporações como em *Intrigas de Estado* (*State of Play*, dir. Kevin McDonald, 2009), filmes sobre o terrorismo e conflitos no Oriente Médio em *O Suspeito* (*Rendition*, dir. Gavin Hood, 2007), *O Reino* (*The Kingdom*, dir. Peter Berg, 2008) e *Rede de Mentiras* (*Body of Lies*, dir. Ridley Scott, 2008). Outra películas apresentaram uma reflexão sobre o impacto nos indivíduos e nas famílias que esse contexto teve na sociedade norte-americana, como em *No Vale das Sombras* (*In the Valley of Elah*, dir. Paul Haggis, 2007) e *O Visitante* (*The Visitor*, dir. Thomas McCarthy, 2007)²⁶.

Como destacamos anteriormente, a personagem de Frank Costello apresenta uma defesa do individualismo e da vontade do homem para conseguir definir o seu futuro. Para ele, lei, ordem e

²⁵ HIRSHEY, Gerri. “Entrevista com Martin Scorsese”. *Rolling Stone*. Edição 09, Junho de 2007. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/9/entrevista-com-martin-scorsese#imagem>. Acessado em 22 de fevereiro e 2016.

²⁶ Sobre a forma de organização de Hollywood nos anos 2000 e os filmes produzidos nesse período, conferir: BALIO, Tino. *Hollywood in the New Millennium*. London: Palgrave Macmillan, 2013; CORRIGAN, Timothy (ed.). *American Cinema of the 2000s: themes and variations*. New Brunswick/ New York/ London: Rutgers University Press, 2012; MCDONALD, Paul & WASKO, Janet. Malden (ed.). *The Contemporary Hollywood Film Industry*, MA: Blackwell Publishing, 2008; EPSTEIN, Edward Jay. *O grande filme: dinheiro e poder em Hollywood*. São Paulo: Sumus, 2008; LANGFORD, Barry. *Post-Classical Hollywood: Film Industry, Style and Ideology Since 1945*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

moral não deveriam ser capazes de impedir alguém de alcançar esses objetivos. Todavia, essa ausência de moralidade diz respeito às instituições, não a ele. A personagem de Jack Nicholson constrói na região que ele domina um lugar onde o que é certo e errado é definido por ele, o ambiente é um produto dele mesmo.

Martin Scorsese: Nesse filme, Jack (Nicholson) controla tudo. Ele tem o poder de vida e morte sobre todo mundo à sua volta, Leo, Matt, Queenan [o chefe da polícia que tenta prender Nicholson, interpretado por Martin Sheen] (...) Eu senti que não era só um filme sobre Frank Costello. É a obscenidade e a violência que ele representa que permeiam o filme, permeia aquele mundo²⁷.

Costello, apesar de não ser a personagem principal, é quem define o ambiente à sua volta. Como um presidente ou chefe de estado, ele determina a condução de seu território. Ainda enquanto Billy está traficando para chamar a atenção do chefe do crime, ele é advertido pelo seu primo de que não deviam vender droga naquela região porque “ele” disse, quando Billy indaga quem seria esse “ele”, seu primo responde: “Ele disse. Costello disse. Deus disse no que te diz respeito”²⁸. Mais tarde no filme, quando Costello encontra dois padres, ele fala: “Eu tenho que lembrar vocês que não é Deus que comanda o bingo nesta arquidiocese?”²⁹.

A centralidade da personagem de Frank Costello não é a de somente conduzir os seus negócios e sua gangue. O criminoso afeta diretamente as pessoas ao seu redor, cria um ambiente à sua volta que funciona a partir de uma moral definida por ele. Essa influência repercute em todas as personagens. Não só nos homens que trabalham para ele, mas também nos policiais que o querem prender. O Capitão Queenan e o Sargento Dignam usam Billy para conseguir prender Costello, e o próprio policial cada vez mais se parece menos com um agente da lei. Quando um dos indivíduos que Billy deveria fazer pagar a sua dívida menciona que Costello é um informante do FBI, Billy faz de tudo, inclusive apontar uma arma na cara dele e atirar em sua perna, para ele que ele conte o que sabe. De acordo com Scorsese:

Na medida em que estávamos filmando, eu percebi que estávamos em uma espécie de Marco Zero moral. Quase todos os personagens são assim, talvez Billy (DiCaprio), talvez a doutora

²⁷ SCHICKEL, *op. cit.*, p.334-335.

²⁸ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:15min.

²⁹ *Os Infiltrados (The Departed)*. Direção: Martin Scorsese. Produtor: Graham King. Estados Unidos da América, 2006. DVD. Cena: 0h:47min.

(Vera Farmiga), ela se sente de uma certa maneira sobre a moralidade, mas ela comete erros, ela aprende sobre si mesma, ela, de certa maneira, também tem dois lados, é um mundo onde a moralidade não mais existe. Costello (Nicholson) sabe disso. Eu penso que ele está quase acima disso, ele sabe que Deus não existe mais no mundo que em que eles estão hoje e é a velha história, para saber que você tem um problema, você tem que saber que tem um problema primeiro. Você realmente tem que saber e essa é a minha abordagem. Tenho certeza de que o Bill (roteirista) tinha a sua própria abordagem, mas eu senti que uma espécie de desespero que reflete na história, nas personagens e como eles interagem entre eles e como no final é resolvido. Eu penso que para mim há uma tristeza e um senso de desespero desde o Onze de Setembro e de alguma forma isso tudo se juntou e o que me fez continuar a descrever esse mundo como uma espécie de Marco Zero moral³⁰

Na história, a personagem de Leonardo DiCaprio, como a de Matt Damon, vive em um ambiente onde a ideia de ética é deturpada, todas as personagens mentem umas para as outras. Ambos são soldados em um conflito entre polícia e gangues e, na verdade, os dois lados se importam muito pouco ou quase nada com eles. Tanto na polícia como no crime organizado há conflitos e corrupção, não há a opção de se ter um lado bom e outro ruim, visto que até na polícia, além de informantes, há confronto entre detetives, desconfiança e mentiras.

Scorsese transfere o clima da política e sociedade norte-americanas para o relacionamento pessoal e profissional entre as personagens, assim como há mentiras por partes de políticos, todas as personagens vivem em um ambiente em que a ausência de honestidade é algo comum. O medo perpassa todas as relações pessoais, tanto o de ser descoberto, como também o de ser traído ou de ser apenas uma peça sem importância em um jogo de tabuleiro.

O longa-metragem constrói um ambiente em que as relações pessoais ficam em segundo plano, a paranoia e o instinto de sobrevivência guiam a maioria das ações. Logo que se inicia o filme, fica claro que Billy e Colin são vítimas de um conflito cuja dimensão eles não têm ideia, de certa forma, os dois já estão condenados desde o início. Quando o filme se encerra, restou muito pouco nos dois lados, ambos destruíram o inimigo e se autodestruíram.

Ao final do filme, Billy e Colin descobrem que, durante todo o tempo, Costello trabalhou como um informante para o FBI, revelando que ambos foram usados tanto pelo criminoso como pelas forças da lei. Quando se encerra o longa-metragem, quase nenhuma das personagens principais sobreviveu. Costello, Billy e Colin foram assassinados. Quem ainda vive é Madolyn, namorada de Colin, que teve um caso com Billy. Ela está grávida de uma criança que talvez, ao contrário de Billy e

³⁰ TOPEL, Fred. "Interview: Martin Scorsese". CinemaBlend. 02 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.cinembrend.com/new/Interview-Martin-Scorsese-3542.html>. Acessado em 22 de fevereiro de 2016.

Colin, possa viver em um ambiente diferente onde haja moral e o certo e o errado possam ser identificados. O Marco Zero moral funciona em um lugar em que já existiu determinada moralidade e ela foi destruída, no entanto, poderia ser reconstruída por uma nova geração representada pelo filho da mulher que teve um relacionamento com Billy e Colin. Como destaca Scorsese em uma entrevista:

“O bem e o mal se tornaram desfocados”, diz Scorsese. “Isso era algo que eu sabia que estava atraído. É um mundo onde moralidade não existe, bem não existe, então você não pode nem mais pecar porque não há nada para se pecar contra. Não há nenhuma espécie de redenção” (...) (Pilkington, entrevistador) Você pode ver *Os Infiltrados* como um comentário sobre a América nos dias de hoje, na qual bem e mal se tornaram tão inseparáveis e mutuamente auto-perpetuadores: um presidente dos Estados Unidos comete atos de violência em um país estrangeiro em nome do bem contra o mal, desencadeando forças obscuras que só podem ser controladas através de mais atos de violência. Quando eu sugeri isso para ele (Scorsese), ele se entusiasmou com a ideia. Ele disse que esse sentimento era fundamental para ele tomar a decisão de fazer o filme inicialmente e a sustentou mesmo quando ele teve (...) dificuldades para fazer o filme (...) Ele (Scorsese) diz “Porque eu acho que há uma raiva, por falta de uma palavra melhor, com o estado das coisas. Uma raiva que eu espero que não te consuma, mas um desejo de expressar o que eu sentia após o desespero do Onze de Setembro. Minha resposta emocional é esse filme. Isso se tornou cada vez mais claro à medida que o fazíamos, mais assustador. Veio de um forte estado de convicção sobre o estado emocional e psicológico que eu estou agora sobre o mundo e sobre como nossos líderes estão se comportando”.³¹

Conclusão

Em *Os Infiltrados*, a ausência de moral reflete como a política norte-americana foi conduzida e as mentiras contadas são transformadas na trama do próprio filme. A incapacidade de diferenciar o bem do mal, o certo do errado perpassa as ações de todas as personagens. Assim como o ambiente sem moral é um produto de Costello, o criminoso é um produto da ausência de moralidade dos Estados Unidos pós-Onze de Setembro.

No filme, não só a violência tem um efeito destruidor, mas a mentira igualmente. Ela também afeta todas as personagens, são todas, de certa forma, mentirosas. As ações que levam à morte da maioria das personagens não é somente um processo de eliminação do inimigo, mas também de autodestruição, de negação de valores e princípios que deveriam conduzir as pessoas e um país.

³¹ PILKINGTON, Ed. “A History of Violence”. *The Guardian*. 06 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.theguardian.com/film/2006/oct/06/awardsandprizes.martinscorsese>. Acessado em 22 de fevereiro de 2016.

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do Império Americano: da Guerra a Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- _____. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos- Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BARROS, José D' Assunção. Cinema e história: entre expressões e representações. In: *Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema*. NÓVOA, Jorge & BARROS, José D' Assunção. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- BRIGHTMAN, Carol. *Insegurança total: o mito da onipotência americana*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CORRIGAN, Timothy. *American Cinema of the 2000s: themes and variations*. New Brunswick/ New York/ London: Rutgers University Press, 2012.
- EPSTEIN, Edward Jay. *O grande filme: dinheiro e poder em Hollywood*. Tradução: Silvana Vieira. São Paulo: Sumus, 2008.
- HIRSHEY, Gerri. "Entrevista com Martin Scorsese". *Rolling Stone*. Edição 09, Junho de 2007. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/9/entrevista-com-martin-scorsese#imagem>.
- KELLNER, Douglas. *Media Spectacle and the Crisis of Democracy: Terrorism, War & Elections Battles*. London: Paradigma Publisher, 2005.
- _____. *Cinema Wars: Hollywood Film and Politics in the Bush-Cheney Era*. Oxford: Willey-Blackwell, 2010.
- LAFEBER, Walter. *America, Russia, and the Cold War, 1945-2002*. New York: Mc Graw Hill, 2004.
- LANGFORD, Barry. *Post-Classical Hollywood: Film Industry, Style and Ideology Since 1945*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- LOGEVALL, Fredrik. "Anatomy of an Unnecessary War: The Iraq Invasion". In: ZELIZER, Julian E. (ed.). *The Presidency of George W. Bush: A First Historical Assessment*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2010, pp.88-113.
- MORETTIN, Eduardo. "O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro" In: CAPELATO, Maria Helena Bassanezi et al (org.). *Cinema e História*. São Paulo: Alameda, 2007.
- MPAA, U.S. *Entertainment Industry: 2006 MPA Market Statistics*.
- NAPOLITANO, Marcos. "Fontes Audiovisuais: A História Depois do Papel". In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo. Contexto, 2005.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. Reflexões de Uma Década: os EUA, o terrorismo e o 11/09. *Meridiano 47 (UnB)*, v. 12, p. 20-26, 2011.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. In: *História: Questões e Debates*, Curitiba, p. 101-131, 2003.
- PILKINGTON, Ed. "A History of Violence". *The Guardian*: 06 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.theguardian.com/film/2006/oct/06/awardsandprizes.martinscorsese>
- RESENDE, Erica Simone A. *Americanidade, Puritanismo e Política Externa. A (re)produção da ideologia puritana e construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.
- SCHICKEL, Richard. *Conversas com Scorsese*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Lições de Guerra: O Iraque e o Terrorismo na Era de Assimetria Global”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e SOARES, Luiz Carlos. *Reflexões sobre a guerra*. Rio de Janeiro: 7letras; Faperj, 2010, pp.65-123.
- _____. “Os Estados Unidos e a Guerra contra o Terrorismo, 2001-2008”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e ZHEBIT, Alexander (org.). *Neoterrorismo: Reflexões e Glossário*. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, pp:11-40.
- SILVA, Tiago Gomes da. *Dirigido por Martin Scorsese: um estudo comparativo de Taxi Driver, Os Infiltrados e seus contextos de produção*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Orientação: Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, 2015.
- SOTINEL, Thomas. *Masters of the cinema: Martin Scorsese*. Cahiers du cinema Sarl: 2010.
- TETZELI, Rick. “Martin Scorsese on Vision in Hollywood”. Fast Company: 21 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.fastcompany.com/1793518/martin-scorsese-vision-hollywood>.
- TOPEL, Fred. “Interview: Martin Scorsese”. CinemaBlend. 02 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.cinemablend.com/new/Interview-Martin-Scorsese-3542.html>. Acessado em 22 de fevereiro de 2016.
- VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.), *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro, Elsevier: 2012, pp. 283-300.
- ZELIZER, Julian E. (ed.). *The Presidency of George W. Bush: A First Historical Assessment*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2010.

Artigo recebido em: 24/04/2016

Artigo aprovado em: 12/05/2016